

## **COLINA – Oposição Armada em Belo Horizonte (1967-1969)**

Isabel Cristina Leite - UFOP

Apresentaremos os primeiros resultados da nossa pesquisa cujo intuito é discutir o significado político da luta armada para o grupo COLINA – Comandos de Libertação Nacional, num estudo de caso na cidade de Belo Horizonte. Para tanto, lançamos mão de documentos produzidos pela organização, tanto os disponíveis no Acervo do DOPS/MG presentes Arquivo Público Mineiro, quanto de acervos pessoais dos ex-militantes do grupo. A metodologia da História Oral também nos auxilia no desenvolvimento da pesquisa para um confronto com as demais fontes. Vale ressaltar, nesse sentido, a singularidade conferida à pesquisa pelos depoimentos. Nosso embasamento teórico no que concerne a luta armada vem dos principais pesquisadores do tema como Daniel Aarão Reis Filho, Jacob Gorender, Marcelo Ridenti e Denise Rolemberg.

A década de 60 foi marcada desde seu início pela contestação e radicalização dos pontos de vista da esquerda no Brasil. A insatisfação com o Partido Comunista fez-se crescente desde a publicação de sua conhecida “resolução de 1958”, considerada fundamental para a explicação do aparecimento da “Nova esquerda”. Esta esquerda foi chamada de nova por não aceitar mais o monopólio do *Partidão* na oposição política, por considerar suas propostas reformistas. Não acreditavam na eficácia da aliança com a burguesia, tampouco num “caminho pacífico para a revolução brasileira”. O que caracteriza a nova esquerda em todo o mundo, segundo Hannah Arendt, é a valorização da ação<sup>1</sup>.

Nesta linha de pensamento - valorização da ação - surge o grupo COLINA em 1967, sendo uma dissidência da POLOP (Política Operária). Em Belo Horizonte a POLOP ministrava um curso de marxismo-leninismo para seus militantes e de acordo com o envolvimento,

compromisso do militante, ele era chamado para fazer parte de um “movimento mais organizado”, como nos relatou Maria José Nahas<sup>2</sup>.

Quando questionamos o por quê desta radicalização, as armas em detrimento do trabalho de massas, Apolo Heringer, ex-militante do COLINA, acredita que não são situações contraditórias. Contraditório seria a luta sem o trabalho com as massas, pois elas são o motor da revolução.<sup>3</sup>

É de destaque dentro do grupo a participação dos estudantes de medicina em função do CEM - Centro de Estudos da Medicina, local de debates de toda a sorte, desde o poder negro dos Estados Unidos à questões da categoria, como o crescimento da indústria farmacêutica. Para Apolo Heringer, o CEM representou uma abertura legal para a discussão dos problemas brasileiros uma vez que o Diretório Acadêmico estava cerceado e as organizações passaram a ser clandestinas<sup>4</sup>. Dada a sua influência, foi chamada de 4ª célula pela repressão<sup>5</sup>.

Para o COLINA, a POLOP fazia uma análise errônea da realidade. Tentavam europeizar o proletariado e tinham a esperança da insurreição urbana. Acreditavam que a instauração do socialismo dependia da difusão das idéias marxistas entre a classe operária. Para isto existiam os comitês de empresa ou comissões de fábrica. O COLINA foi de frente aos comitês, pois defendiam que o foco guerrilheiro é que iria desencadear o processo revolucionário. Passaram a defender “a luta armada, como forma fundamental de luta de classes na atual conjuntura [e que] terá que ser centralizada no campo sob a forma de guerra de guerrilhas”<sup>6</sup>.

O COLINA participou da tentativa de se estabelecer um “comando nacional” ainda em 67, com organizações do Rio de Janeiro e de São Paulo. Com maiores afinidades, chegaram a agir conjuntamente com a Dissidência da Guanabara (DI-GB) tanto no Rio de Janeiro quanto em Belo Horizonte.

O grupo era organizado em “células” ou “comandos”, sendo eles: urbano (que abrangia os trabalhos operário e estudantil), inteligência, sabotagem, expropriação, levantamento de área e armado. Os principais dirigentes estavam no comando armado.

No setor de trabalho urbano destacamos o trabalho junto ao operariado uma vez que o COLINA esteve presente na organização da greve de 1968 em Contagem e na divulgação do Piquete, jornalzinho informativo cujo conteúdo incitava os operários à tomada de atitude frente aos patrões, denunciavam as más condições de trabalho, davam as notícias e criticavam as greves organizadas “fora de hora”, que significaria o fracasso do movimento grevista<sup>7</sup>. Podemos explicitar pelo menos dois motivos para o fracasso junto ao operariado: a concepção de luta militarista do grupo e o desconhecimento da realidade operária por parte dos integrantes. Maria José Nahas nos relatou a sua dificuldade pessoal dada a sua origem pequeno-burguesa (filha de médico do interior), não se sentindo à vontade neste tipo de trabalho nos bairros operários.

Dentre as ações do grupo estiveram assaltos a bancos e bombas nas casas de funcionários do governo, como o caso do atentado na casa do interventor do sindicato dos Metalúrgicos, Bancários e Fiação e Tecelagem, Humberto Pollo Porto<sup>8</sup>. De acordo com o manifesto deixado pelo grupo após o atentado, este seria uma resposta às intervenções feitas nos sindicatos cuja finalidade era desmobilizar os trabalhadores e às demissões em massa após as greves. No final do manifesto, o grupo assume sua opção pelas armas e violência revolucionária:

Contra essa violência que a ditadura e os patrões empregam para oprimir e explorar o povo os Comandos de Libertação Nacional empregarão a violência revolucionária. Essa nossa ação de hoje deve servir de aviso aos patrões, aos ministros e delegados do trabalho, às policia e aos interventores (...) Esse é o começo da justiça popular<sup>9</sup>

Contudo, as ações urbanas seriam apenas suporte para a formação da guerrilha rural através do foco guerrilheiro. A teoria do foco foi desenvolvida por Regis Debray, em seu livro “A revolução na revolução”, desenvolve tal teoria. É a inspiração vinda do modelo cubano.

A procura de um modelo internacional – o cubano ou o chinês, não importa – é uma operação posterior, para legitimar a opção já tomada (pela luta armada). Isto não quer dizer que os modelos internacionais devam ser subestimados. Ao contrário, são cruciais, o papel legitimador que desempenham é crucial na manutenção dos laços de coesão internos às organizações comunistas.<sup>10</sup>

Para Debray, o foco implicava o envio de quadros para uma região de difícil acesso para as forças policiais e políticas responsáveis por reprimir as ações da esquerda revolucionária. Esta região era o campo, o “elo fraco da cadeia”, onde o nível de politização era menor. A escolha do local não era aleatória, os militantes passavam meses pesquisando e conhecendo bem a região. Em primeiro lugar eles deveriam procurar conhecer todas as possibilidades, os caminhos e os esconderijos para a fuga caso esta fosse necessária. O próximo passo seria o trabalho com as massas, o começo da conscientização destes camponeses, com os quais tentariam conquistar a confiança e o apoio para o grupo, transformando esta população no braço armado da revolução.

Para seguir a metáfora chinesa, o foco, em vez de fechar-se como um punho para lançar um golpe e arrancar um dedo ao inimigo, abre e estende os seus cinco dedos e é o inimigo quem tem a força do punho frente a cada um dos seus dedos<sup>11</sup>.

Característica forte desta organização (e de tantas outras armadas) é o autoritarismo presente nas normas militares que deviam ser seguidas sob a lógica de que “guerra é guerra”. Para Apolo Heringer, o discurso do COLINA era democrático, mas a democracia interna era “na medida do possível”<sup>12</sup> Auto-intitulados de vanguarda, detentores do saber, da consciência que é necessária às massas que fariam revolução. Partido de vanguarda seria o condutor das massas. Uma vez esta no poder, seria instaurada a ditadura do proletariado.

O COLINA tem seu fim em janeiro de 1969, primeiramente com a prisão de Angelo Pezzuti, que desencadeou as outras prisões do comando armado. Foram as primeiras prisões de um grupo armado no país. Foram também um dos primeiros presos-cobaia em aulas de tortura ainda no corrente ano, conforme consta no Projeto Brasil: Nunca Mais. Os demais que ainda persistiram na luta armada se uniram à Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) para, então, formar a Vanguarda Popular Revolucionária - Palmares (VAR - Palmares). Dos quarenta militantes trocados pelo embaixador alemão seqüestrado em 1970, cinco pertenceram ao COLINA e foram banidos para a Argélia em janeiro de 1971. São eles: Maria José Nahas, Jorge Nahas, Maurício Paiva, Ângelo Pezzuti e Murilo Silva; uma integrante, Carmela Pezzuti, estava na lista dos 15 trocados pelo embaixador suíço. Os ex-militantes com que conversamos, assim como a maioria dos exilados que fizeram parte do COLINA, voltaram ao Brasil com a anistia em 1979.

Os depoimentos por nós colhidos nos indicam a idéia de elo entre o passado recente e o presente. O nome de guerra virou o nome dos filhos. A militância continuou no exílio pelos países por que passaram - nunca ligados a partidos, e na volta com a anistia militaram ou em causas sociais ainda desvinculados destes (como a luta por creches de Carmela Pezzuti) ou fizeram parte na fundação do PT (Partido dos Trabalhadores) em escalas variáveis de participação.

Apresentamos o grupo COLINA como um dos precursores da condição de oposição consciente e armada ao regime militar, na tentativa de fazer um elo entre teoria e prática revolucionária. Analisamos as dificuldades encontradas frente aos movimentos operário e estudantil, tendo em vista a concepção militarista de luta e as dificuldades pessoais de inserção, dada a origem social. Vimos como o modelo cubano serviu de inspiração para esta organização e como os estudantes da medicina, não fugindo à teoria das gerações, tiveram papel ativo na prática revolucionária em Belo Horizonte dentro do grupo em questão.

---

<sup>1</sup> ARENDT apud ARAÚJO, Maria Paula. **A utopia Fragmentada**. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p.41.

<sup>2</sup> Entrevista concedida à autora em 11 de janeiro de 2003.

<sup>3</sup> Entrevista concedida à autora em 1 de abril de 2005.

<sup>4</sup> Entrevista concedida à autora em 1 de abril de 2005.

<sup>5</sup> Relatório referente ao COLINA. Acervo DOPS/MG - APM. Rolo 1: Pasta 15. Imagem 2381.

<sup>6</sup> Documento “Carta aberta aos revolucionários”. Acervo DOPS/MG- APM. Rolo 2: Pasta 16: Sub-pasta 2: Imagem:12.

<sup>7</sup> *O piquete*. Ano 3, n° 92, n° 93, n°94 de 1968. Acervo DOPS/MG – APM. Rolo 2: Pasta 16: Sub-pasta 17. Imagens: 0188, 0190, 0192.

<sup>8</sup> No relatório constam quatro assaltos a banco sendo eles:

23/08/68 -Jeep da Secretaria da Fazenda: Frustrado.

28/08/68 – Banco da Comércio e Indústria.

04/10/68 – Banco do Brasil Cidade Industrial.

14/01/69 – Banco Lavoura e Mercantil – Sabará.

Relatório sobre o grupo COLINA. Acervo DOPS/MG - APM. Rolo 1: Pasta 15. Imagem 2381. Em relação aos atentados à bomba na casa do Delegado do trabalho Onésimo Viana e ao intervento dos Sindicatos de Fiação e Tecelagem, Bancários e Metalúrgicos, Humberto Porto no dia 18/10/68. Cf. “Terroristas explodem casa de interventor”. *Jornal Última Hora*. 19/10/68.

<sup>9</sup> Manifesto do grupo COLINA, 19 outubro de 1968. Acervo Elza Corrêa da Silva Porto.

<sup>10</sup> REIS FILHO, Daniel Aarão. Exposição em Seminário. IN. **As esquerdas e a democracia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p.48

<sup>11</sup> DEBRAY, Régis. **Revolução na revolução**. Centro Editorial Latino-Americano, s.d. p.39

<sup>12</sup> Entrevista concedida à autora em 01 de abril de 2005.